

## O Códice Dresden

Daniel Grecco Pacheco

Um dos poucos manuscritos maias encontrados até hoje, o Códice Dresden possui 39 folhas feitas de papel amate, com uma fina cobertura de estuque e dimensões de 20,5 por 9 cm., com a maioria das folhas pintada e escrita de ambos os lados. O documento encontra-se na Biblioteca do Estado de Saxônia na cidade de Dresden na Alemanha, e acredita-se que ele tenha sido pintado entre os séculos XIII e XIV d.C. nas terras baixas do norte da Península de Iucatã, México. O seu conteúdo é composto por uma compilação de almanaques adivinhatórios, tabelas astronômicas, episódios cosmológicos, registros de contagem de tempo, com o objetivo de prognosticar o futuro dentro da estrutura de narrativa e gênese da sociedade maia que o produziu. Possui vaticínios para diversos aspectos da vida cotidiana, ciclos de Vênus, da Lua, eclipses e registro de k'atuns (períodos de 20 anos de 360 dias cada), para as chuvas, secas, ritos de novos períodos, cerimônias agrícolas, e informações sobre a vida social e cerimonial dos maias iucatecos. O manuscrito foi danificado após a destruição da cidade de Dresden durante os bombardeios sofridos na Segunda Guerra Mundial.

### Sugestão de Leitura e discussão da página 74 do Códice Dresden

A página 74 do Códice Dresden apresenta uma cena que é dominada por uma destacada figura de um monstro, com aspecto de um réptil da ordem dos sáurios, que é interpretado por alguns estudiosos como sendo um dragão celeste, relacionado a narrativas originárias de fundação cósmica e política entre os povos maias. Ou segundo a interpretação do epigrafista David Stuart seria um “Crocodilo Veado Estelar”, a representação do céu noturno, que devora o Sol todas as tardes, para excretá-lo ou pari-lo todas as manhãs.

A página é estruturada com a presença de duas bandas visíveis de glifos fonéticos e ideográficos na parte superior, com a figura do monstro logo abaixo, com alguns elementos que estão relacionados com ele, além de dois personagens com traços humanos. Tudo isso colocado num espaço com um fundo de cor café escuro.

A leitura do texto da parte superior da página remeteria, de maneira geral, a um conteúdo básico que descreve um tempo em que o céu está carregado de água, por obra de um ente não humano, uma divindade, com o céu negro e caindo muita água sobre a terra negra, sobre plantações de milho.

O monstro cósmico está numa posição de descida dos céus e parte de seu corpo na extremidade superior apresenta uma faixa com glifos. Da esquerda para a direita, a leitura desse texto começa com um glifo do Planeta Vênus, ou *hoch ek*, na sequência, o símbolo do céu, ou *ka'an*, o Sol, *k'in*, e noite ou escuridão, *ak'bal* como sendo o último glifo. Embaixo dessa faixa do corpo do monstro, que pode ser associada à faixa celeste, há duas figuras com glifos *nam* cujas leituras são interpretadas como “esconder-se ou sair da vista” que no contexto em que estão representados na cena, indicariam eventos celestes como o eclipse do Sol e o eclipse da Lua, dos quais saem pequenos jorros de água.

Das faces do monstro cósmico sai um grande fluxo de água que cai sobre a terra. A primeira figura com traços antropomórficos que aparece logo abaixo da faixa celeste do corpo do monstro, é interpretada como sendo uma divindade anciã com mãos e pés com garras, em posição um pouco curvada. Ela veste uma saia com um símbolo de ossos cruzados, um tocado com uma serpente da cor verde, e em suas mãos leva um recipiente para armazenar líquidos, do qual também sai um jato de água que leva o glifo do dia *eb*. Essa personagem seria a deusa anciã O, Chac Chel, em seu aspecto monstruoso, relacionada ao parto, à medicina e ao tecido, e poderia estar relacionada também à Lua nova. A outra figura humana da cena, localizada na parte inferior da página é interpretada como sendo outra divindade com o corpo pintado de negro, com mandíbula, mãos e pés da cor branca. A personagem leva um grande bastão em uma das mãos e na outra dois dardos. Sob sua cabeça está uma ave. A interpretação feita por Eric Thompson sobre esse personagem humano, remeteria ao deus da escuridão, o Bacab negro, o Deus L senhor do Inframundo, que teria participado da destruição da Terra pelo grande dilúvio. Essa interpretação se estende a toda a cena, que segundo esse pesquisador seria a representação da inundação que pôs fim aos humanos na terceira idade do mundo, segundo relatado no Popol Vuh. Essa leitura é corroborada pela cor do fundo da cena, café escuro, que seria a “resina abundante que veio dos céus” segundo a narrativa contida nessa fonte. *“Então para matá-los (os homens feitos de madeira) um desastre foi produzido por u Kux Kah (o Coração do Céu), um grande desastre foi produzido, e caiu sobre as cabeças daqueles que eram bonecos entalhados na madeira. (...) então, caiu uma forte chuva de resina/lava do céu. (...) Por causa deles (os tzitzimine, monstros noturnos, da escuridão, que atacam as pessoas, vinculado ao eclipse solar) a Terra ficou escura e então começou uma chuva negra, noite”.*

O historiador Erick Velázquez García encontra paralelos dessa cena com uma narrativa de inundação presente no Templo XIX de Palenque, México e também entre os maias Q'eqchis de Verapaz, Guatemala. Karl Taube ressalta que esta cena da destruição do mundo, estaria relacionada às páginas 25 a 28 do manuscrito, onde há oferendas feitas por divindades às árvores quadripartites, que remeteria a uma cerimônia do início de um novo ano. Assim, essa sequência marcaria a destruição e renovação do mundo.

Já outra interpretação, levantada por alguns pesquisadores, dá conta que tal cena na página 74 do Códice Dresden trataria apenas de uma grande tormenta de água, com muita chuva e ventos que teria caído sobre a terra. Tal leitura justifica-se pela localização dessa página dentro da estrutura do manuscrito, já que viria após uma seção sobre prognósticos de fenômenos meteorológicos. Entretanto, como destaca Miguel León-Portilla, e Eric Thompson, ambas as interpretações são válidas, e talvez complementárias. É possível que além de relatar o episódio do dilúvio cósmico, o escriba que pintou o manuscrito também poderia ter feito uma alusão à importância do período anual de chuvas.



Figura - Página 74, Códice Dresden. Fonte: FAMSI

## Referências:

ARQUEOLOGÍA MEXICANA. *Códice de Dresde. Un manuscrito maya prehispánico*. Parte 2. Edición Facsimilar. Edición especial 72,

BROTHERSON, Gordon; MEDEIROS, Sérgio. *Popol Vuh*. São Paulo: Iluminuras, 2007.

LEÓN-PORTILLA, Miguel. *Códices. Os antigos livros do Novo Mundo*. Tradução Carla Carbone. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

MILBRATH, Susan. *Star Gods of the Maya. Astronomy in Art, Folklore, and Calendars*. Austin: University of Texas Press, 1999.

O'NEIL, Megan. *Engaging Ancient Maya Sculpture at Piedras Negras, Guatemala*. Norman: University of Oklahoma Press, 2012.

TAUBE, Karl. *Aztec and Maya Myths*. Austin: University of Texas Press, 1993.

THOMPSON, J. Eric. *Un comentario al Códice de Dresde. Libro de jeroglifos Mayas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1988.